

ATIVIDADE EJA SUL II 2021

POEMA – CONCEIÇÃO EVARISTO

O texto poético que selecionamos de Conceição Evaristo chama-se Vozes-Mulheres, narra a trajetória de mulheres negras em nosso país. Contempla a autoria - a consciência de ser negra e mulher, o ponto de vista, e a questão da memória.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Poemas de recordação e outros movimentos, p. 10-11).

FOTO DA AUTORA CONCEIÇÃO EVARISTO



Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, formou-se nas escolas públicas da capital mineira. Mudou-se na década de 70 para o Rio de Janeiro onde passou em concurso público para o exercício do magistério e ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Letras. Em 1996, defendeu a dissertação de mestrado *Literatura Negra: uma poética da nossa afro brasilidade*, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No doutoramento, pela Universidade Federal Fluminense, escolhe a literatura comparada, trabalhando a produção de autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira. (DUARTE 2007, p. 25).

Iniciou a publicação de sua produção poética nos *Cadernos Negros* número 13, de 1990, antologia editada anualmente pelo Grupo Quilombhoje, de São Paulo, e após essa data passou a contribuir com contos e poemas. Em 2003, publicou *Ponciá Vicêncio*, que tem sua segunda edição em 2006, e *Becos da Memória* também em 2006. *Poemas da recordação e outros movimentos*, livro de poesia publicado em 2008, apresenta alguns poemas já divulgados nos *Cadernos Negros*, entre eles o Vozes-mulheres, objeto de análise deste trabalho.

A leitura do poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo, a partir de uma perspectiva de construção da memória, possibilita-nos observar a existência de uma literatura adjetivada: afro-brasileira. A poesia analisada está inserida em um contexto no qual a poeta assume o ponto de vista negro. Ao narrar a trajetória de mulheres negras, preservada na memória coletiva, revela a ancestralidade, que se projeta no presente e prepara o futuro.

VER VÍDEO DO POEMA NO YOUTUBE

<https://www.youtube.com/watch?v=ZGokqvbcVY0>

Interpretação do texto poético:

O título do poema evoca dois elementos que nos guiaram na análise: a questão das vozes e o fato de ser qualificada – de mulheres. Sob o olhar da sociedade patriarcal, vozes caladas ecoam no texto poético. Vozes – visibilidade textual – a articulação do discurso a narrar a história. O tecido poético a registrar na folha em branco trajetórias femininas. Afirmação de existência.

O três versos iniciais trazem marcas de uma economia verbal, traço do poema de versos curtos, precisos, síntese do vivido, a ideia de um passado de sofrimento que não se pode e nem se quer esquecer “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio.” As imagens evocadas sugerem a diáspora e a desumanidade do transporte nos navios do tráfico. O tecer de forma crua duas imagens que ilustram bem o caráter da atividade escravocrata: a criança e os porões.

O verbo “ecoou”, no segundo verso – que marca o tempo passado, mas que se torna presente na leitura do texto poético – reitera-se no quarto verso: “ecoou lamentos / de uma infância perdida.” Sugere o alongar do sentido, a dor sentida, que evocada pela memória, permanece viva, sentido de eco, vibrando através do tempo/memória, percorrendo distâncias e se tornando presente. O “lamento” nos remete à imagem inicial do poema, a questão da voz, que aqui se faz presente, mas sem forças para alterar o destino, pois apenas lamento de “uma infância perdida”.

Estamos no terreno da memória coletiva, uma vez que a poeta não viveu o que narra, mas o ecoar do passado ainda está presente no seu fazer atual, dá sentido à vida.

A terceira estrofe, quando o eu lírico irá nos apresentar a imagem da mãe: “A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela.” O ponto de vista do eu lírico, que vai além de se querer negro, compartilha o destino de não ter como disfarçar a cor da pele.

Os versos iniciais da terceira estrofe nos sugerem uma voz que não está silenciada, pois “ecoou baixinho revolta”, a condição de fala já se esboça, o verbo ainda conjugado no passado. Ainda que sejam apenas sussurros, ecos de revolta, há a sugestão de que a voz ganha um tom de elaboração da consciência da exploração. As condições de trabalho são denunciadas no poema “no fundo das cozinhas alheias”, e as de moradia “pelo caminho empoeirado / rumo à favela.” O poder de síntese ainda presente, mas a mãe é descrita em estrofe de sete versos.

Na quarta estrofe a fala poética se impõe. Tanto na estrutura quanto em seu sentido. A metáfora ganha força e expressividade no desenho dos versos: “A minha voz ainda / ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”. Ao assumir o discurso: “A minha voz”, o eu lírico introduz o tempo presente, e

escreve versos plenos de sofrimento, nos quais a consciência de que fala a partir de um fazer e ser que são históricos. A voz que ora ecoa tem sua origem no som que vem da bisavó, passa pela avó, mãe e se faz presente em seu discurso.

Se na quarta estrofe a voz se faz poética, na quinta temos um quê de profética, uma estrofe com doze versos, com metrificação variada. O eu lírico, ao apresentar a filha, narra não apenas o presente, mas o porvir. Nos primeiros versos “A voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes / recolhe em si / as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas”. O tempo presente é soberano, a repetição do verbo “recolhe”, agora relacionado com a voz, que não é mais aquela que ecoa, mas que abrigada, ao mesmo tempo em que recorrente, pois reiterado pela repetição vocabular, a dar significado e sentido à voz da filha, que em si guarda todas as vozes.

Os próximos versos “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / o eco da vida-liberdade”. Lembra uma imagem que o trabalho da professora Gizêlda destaca na fala de suas depoentes, um jeito de olhar para a vida, driblando as dificuldades a fim de ver o presente a partir do passado e preparar o futuro.

O poema como dissemos torna-se profético, ao usar o verbo no futuro “se fará ouvir”, a voz ganha corpo e tem realmente algo a dizer. Nessa perspectiva, esse “eco-liberdade”, considera que a condição para se ter de fato liberdade é a de agregar às vozes do passado, lembrar sua ascendência. Para viver plenamente como cidadão, senhor de sua história, escrita não pelos que a marcaram com sangue, mas dos que a construíram com dignidade, força e esperança.

FONTE:

<http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>

PERGUNTAS:

- 1. O QUE MAIS CHAMOU ATENÇÃO NO TEXTO POÉTICO? E POR QUE?**
- 2. SOBRE O QUE FALA O POEMA VOZES-MULHERES?**
- 3. QUAL É O TEMPO HISTÓRICO QUE O POEMA NOS REMETE?**
- 4. QUAIS OS LUGARES HABITADOS PELAS “VOZES-MULHERES”, NO POEMA ?**
- 5. CONHECIA A AUTORA, CONCEIÇÃO EVARISTO?**

RESPONDA NO CADERNO E DEPOIS MANDE UMA FOTO DA ATIVIDADE RESPONDIDA PELO WHATSAPP DA PROFESSORA.

TEMPO DE HORAS DE PRODUÇÃO: 4 HORAS